

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Raíssa Costa Cardoso

**MÚSICA, MODA E COMUNIDADE: A SUBCULTURA GÓTICA COMO
MUNDO DA ARTE E ESPAÇO DE IDENTIDADE COLETIVA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Raíssa Costa Cardoso, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202273097A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **MÚSICA, MODA E COMUNIDADE: A SUBCULTURA GÓTICA COMO MUNDO DA ARTE E ESPAÇO DE IDENTIDADE COLETIVA**, desenvolvido durante o período de 6 de novembro de 2024 a 11 de março de 2025 sob a orientação de Dmitri Cerboncini Fernandes, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Raíssa Costa Cardoso

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

MÚSICA, MODA E COMUNIDADE: A SUBCULTURA GÓTICA COMO MUNDO DA ARTE E ESPAÇO DE IDENTIDADE COLETIVA

Raíssa Costa Cardoso¹

RESUMO

A subcultura gótica se destaca como um espaço singular de construção identitária e expressão artística coletiva, caracterizado por uma estética específica e valores contraculturais. Este trabalho tem como objetivo analisar a subcultura gótica sob as perspectivas de Howard Becker e Nathalie Heinich para compreender a construção de uma identidade coletiva que desafia normas estéticas convencionais. A pesquisa utiliza o método de campo para investigar como elementos como música, moda e o simbolismo da morte contribuem para a coesão cultural e o sentido de pertencimento entre os membros da comunidade. Serão examinadas as normas internas e os códigos de conduta que regem o grupo, além de sua relação com a sociedade dominante, marcada por estigma e resistência às convenções sociais. Espera-se demonstrar como a subcultura gótica oferece um espaço alternativo para a autoafirmação e resistência cultural, ao mesmo tempo que evidencia a interdependência entre estética e identidade coletiva em um contexto de expressão contracultural. Os resultados devem ampliar o entendimento sobre como comunidades subculturais podem funcionar como formas de contestação e valorização de estéticas alternativas.

PALAVRAS-CHAVE: Subcultura gótica. Identidade coletiva. Estética gótica. Música e moda. Expressão artística.

1. INTRODUÇÃO

A subcultura gótica representa um fenômeno sociocultural que articula estética, música, identidade coletiva e resistência às convenções dominantes, e é compreendida pelos membros como um espaço de construção identitária e coesão comunitária. Sua riqueza artística e simbólica é manifestada em elementos como música, moda e a temática da morte, tornando-a um campo fértil para análise sociológica. O presente trabalho tem como objetivo examinar as práticas culturais e os valores compartilhados pelos góticos, destacando como essas práticas promovem pertencimento e desafiam normas sociais e estéticas dominantes.

A pesquisa adota o método etnográfico, envolvendo observação participante em eventos da subcultura gótica e entrevistas qualitativas com seus membros. Esses procedimentos visam a fazer uma síntese sobre as dinâmicas internas do grupo, suas normas, códigos de conduta e as formas de valorização dos elementos estéticos e simbólicos que os conectam. A abordagem qualitativa busca compreender, a partir das vivências e narrativas dos participantes, como esses elementos estruturam a identidade coletiva e fortalecem o sentido de comunidade.

O artigo está organizado em três seções: 1) Introdução – que apresenta o tema, os objetivos e a metodologia; 2) Desenvolvimento – que contextualiza teoricamente e historicamente o objeto de estudo, juntamente com a pesquisa e a análise dos dados obtidos; 3) Considerações finais – que sintetizam os achados e discutem as contribuições da subcultura gótica para os estudos socioculturais, realizando uma conclusão para o trabalho e colocando em evidência a possibilidade de trabalhos futuros baseados e inspirados por meio deste.

2. DESENVOLVIMENTO

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes.

2.1 O QUE É “GÓTICO”? - CONTEXTUALIZAÇÃO

O movimento gótico surgiu no final dos anos 70, na Inglaterra, subvertendo e redefinindo o punk, mas mudando totalmente a forma de se manifestar contra a cultura de massa: em vez da agressividade direta do punk, os góticos trouxeram uma estética mais melancólica, sombria e cheia de referências literárias e artísticas; dessa forma, em um contexto de crise econômica, desilusão política e profundas mudanças sociais, o gótico se destacou por explorar um imaginário estético e filosófico que ultrapassava a maneira de se expressar do punk, fazendo desuso do modo ruidoso e rebelde de ser; Enquanto o punk era direto em sua crítica às instituições, o gótico mergulhava em uma sensibilidade melancólica e introspectiva, evocando elementos de romantismo, simbolismo e existencialismo (KIPPER, 2023). Musicalmente, o movimento encontrou suas raízes em bandas como *Bauhaus*, *Joy Division* e *Siouxsie and the Banshees*, que combinavam a energia do punk com uma atmosfera sombria, e letras que refletem uma sensação de angústia e transcendência. A canção da *Bauhaus* "*Bela Lugosi's Dead*" (1979), com sua estética teatral e referências ao cinema expressionista alemão, é geralmente considerada o primeiro marco do movimento - a mídia musical chegou a "xingá-los" de góticos entre 1980 e 82 -: desde o começo, o gótico se construiu como um espaço contracultural onde música, moda e filosofia se misturavam, criando um universo próprio que exaltava o mistério, o grotesco e a beleza da decadência (KIPPER, 2023). O visual virou uma parte essencial dessa identidade: roupas pretas, maquiagem pálida, acessórios cheios de detalhes e a inspiração vitoriana ajudavam a reforçar o sentido de pertencimento e expressão pessoal. Historicamente, o movimento também dialogou com tradições literárias e artísticas que precederam seu surgimento, como o Romantismo Gótico dos séculos XVIII e XIX, exemplificado pelas obras de *Mary Shelley*, *Edgar Allan Poe* e *Bram Stoker*, e o simbolismo de artistas como *Charles Baudelaire* e *Gustave Moreau* (KIPPER, 2023).

“A visão de mundo diferenciada de cada subcultura é expressa ou vivenciada através de seu sistema de símbolos. Assim, nas subculturas, as manifestações estéticas (música, poesia, dança, vestuário, maquiagem etc.) são discursos significativos pois integrados em um sistema e visão de mundo.” (Kipper, 2023, p.20)

Essa mistura de influências e referências deu ao movimento um caráter muito mais profundo do que apenas um estilo estético; deste modo, o gótico não só desafia as normas culturais da época, como também propõe um jeito alternativo de ver o mundo: mais introspectivo, mais artístico e mais existencialista do que a cultura de massa predominante, que priorizava valores mais comerciais e convencionais. Ele surgiu como um reflexo das incertezas da modernidade tardia e acabou se consolidando como um espaço de expressão tanto artística quanto emocional e, mesmo depois de décadas, continua sendo um refúgio para quem busca um lugar fora do mundo padronizado, celebrando a diferença e resistindo à uniformidade cultural.

2.2 O CONCEITO DE SUBCULTURA

Uma subcultura é uma expressão cultural que aparece dentro de uma sociedade maior e é caracterizada por seus próprios valores, práticas e símbolos, obtendo este nome através de todo o processo de ressignificação.

“Os símbolos, assim, têm o significado que lhes são atribuídos por certa cultura, subcultura ou outro tipo de grupo social. Uma subcultura ao se apropriar de algum item de outra cultura ou subcultura vai, provavelmente, ressaltar algum aspecto que, apesar de poder estar contido nos sentidos gerais daquele item, não é necessariamente o que se destacava no sistema cultural original.” (Kipper, 2023, p.14)

Ela oferece aos seus membros um senso de identidade coletiva, ao mesmo tempo em que mantém um diálogo constante, embora crítico, com/contra a cultura dominante. Ao contrário de movimentos completamente dissociados, as subculturas são espaços de resistência e criatividade que redefinem normas e códigos sociais próprios sem romper completamente com o contexto cultural mais amplo.

2.3 MODA E VALORES DA SUBCULTURA GÓTICA

Visualmente, a estética gótica é facilmente reconhecível: uma atmosfera escura, misteriosa e carregada de melancolia; mas, não se trata só de aparência, cada detalhe tem um significado: elementos como crucifixos, correntes, caveiras e anéis de pedras escuras não são só acessórios; eles carregam simbolismos ligados à espiritualidade, ao ocultismo e até à literatura gótica do século XIX. O preto - cor predominantemente usada - tem vários significados: simboliza morte, ocultismo, mistério, mas também sofisticação e introspecção. No entanto, essa escolha monocromática é frequentemente complementada por detalhes em vermelho, roxo ou prata, que realçam o contraste dramático que caracteriza o estilo. Além disso, a subcultura bebe diretamente de movimentos artísticos como o romantismo sombrio e o simbolismo, sempre valorizando o mistério, a subjetividade e a ideia de que há beleza naquilo que é sombrio; Um exemplo do "sombrio" pode ser encontrado na letra da música *Abandono*, do álbum *Incólumes* (2023), da banda Lost Lenore, a letra expressa:

“Lentamente desapareço,
Senti meu coração parando,
Vejo rostos inumanos
Na escuridão do quarto vazio.
Estou caindo, me afogando,
Me apaixonei pelo vazio.
A vida nunca fez sentido,
Não sei por que eu sou assim.
[...]
Nem mesmo o tempo devastador,
Nem a perda, ou a dor,
Conseguem esconder o vazio imenso da minha alma.
Nem mesmo o medo e o amor,
Nem a morte e o calor,
Vão preencher alguém tão incompleto na imensidão do
abandono.”
(LOST LENORE. *Abandono*. In: *Incólumes*. 2023.)

As roupas são inspiradas em vários períodos históricos, como Romantismo, Vitorianismo e Renascença, e incluem tecidos de diferentes texturas - como renda e veludo -, vestidos, penteados, babados, espartilhos e saias longas. Juntamente, a maquiagem enfatiza os contrastes: a pele é sugestivamente e propositalmente pálida, os olhos são destacados e aprofundados com sombras e lápis em tons escuros, como vermelho, vinho ou preto, criando uma aparência quase etérea - esses elementos não são apenas decorativos; refletem e transmitem a conexão da subcultura com temas como a morte, o sobrenatural e o sublime.

“Os elementos estéticos adotados pela subcultura Gótica são buscados exatamente no teatro, no cinema expressionista e no cinema da *nouvelle-vague* francesa, no teatro popular ou vaudeville, na cabaret culture dos anos 1930 e na estética da geração beat e glam, mas também em uma estética romântica e vitoriana [...]” (Kipper, 2023, p.97)

Os valores góticos estão profundamente enraizados em uma visão de mundo que enfatiza a introspecção e a expressão individual, juntamente com a crítica sobre aquilo que não é bem-vindo ao indivíduo: dessa forma, a subcultura rejeita o conformismo e as restrições estéticas e comportamentais impostas pela sociedade dominante e promove uma ética de liberdade de expressão, abraçando a originalidade única do individualismo e o jeito diferente de ser e existir. No entanto, esse individualismo é complementado por um forte senso de comunidade entre membros que compartilham referências culturais, códigos de conduta e uma estética comum, servindo como um espaço de identificação pessoal para aqueles que se sentem diferentes ou excluídos perante a sociedade.

“Um passo à frente é dado quando nos interessamos pelo estatuto do artista. Ao nos aproximarmos das condições próprias da produção, contribuimos para o rompimento com a ideia primitiva de uma exterioridade do “social” em relação à “arte”,

que eximiria os próprios artistas de qualquer preocupação que não a estética” (Heinich, 2008, p.55)

Além da estética, o gótico também se aprofunda através de temas filosóficos e existenciais, como a efemeridade da vida, a beleza da decadência e a inevitabilidade da morte. Essas ideias aparecem tanto na arte quanto na forma como muitos góticos enxergam o mundo, com um olhar mais crítico sobre a sociedade, o consumo exagerado e a padronização cultural: em vez disso, o movimento valoriza a criatividade e a profundidade, rejeitando imposições e buscando sempre novas formas de expressão. Essa resistência também se reflete na abertura à diversidade, tanto em termos de identidade e expressão, quanto na subcultura gótica, um espaço que acolhe pessoas excluídas socialmente - e em situação de não-conformismo - .

“[...] No caso da subcultura gótica temos um dos sistemas simbólicos mais disruptivos do status quo, sendo assim nosso discurso simbólico expressa uma visão de mundo progressista em relação a diversos temas como as questões de gênero, feminismo, igualdade étnica, etc.” (Kipper, 2023, p.66)

A estética e os valores do gótico se misturam e criam um sistema simbólico forte, que une seus membros em torno de uma identidade coletiva. A valorização da introspecção, da aceitação da escuridão como parte da existência e da resistência às normas hegemônicas se reflete não só na música e no vestuário, mas em toda a forma de viver e enxergar o mundo dentro dessa subcultura. A estética gótica não existe isolada: Ela é construída socialmente e ganha sentido dentro de um contexto cultural mais amplo. Heinich (2008) argumenta que aquilo que consideramos belo ou expressivo não é apenas uma escolha individual, mas algo que depende de códigos compartilhados. Dessa forma, no caso do gótico, a preferência por visuais dramáticos, maquiagem carregada e símbolos da morte não é apenas uma questão de estilo, mas um meio de comunicação dentro da subcultura. Esses elementos ajudam a reforçar o pertencimento ao grupo e a criar uma identidade coletiva, funcionando como um sistema de significados que vai além da aparência.

2.4 A RELAÇÃO ENTRE SUBCULTURA E CULTURA

A relação entre cultura e subcultura pode analisada, refletida e entendida como uma interação complexa e dinâmica, onde a cultura dominante estabelece os parâmetros normativos da sociedade, enquanto as subculturas surgem como espaços de resistência, transformação e reconstrução desses valores - quase como uma manifestação, sendo contrária a majoritariamente tudo aquilo que detém maior poder de imposição. A cultura, em um parâmetro geral, refere-se ao conjunto de práticas, símbolos, valores e formas de expressão compartilhadas por uma sociedade, funcionando como um sistema que organiza a vida social e estabelece normas de conduta - ela é um campo de socialização, onde as identidades individuais e coletivas são moldadas, e as práticas culturais são transmitidas de geração em geração, criando um padrão no modo de ser, agir e pensar. Por outro lado, a subcultura é um fenômeno que surge dentro desse sistema cultural dominante, mas que se distingue dele por adotar práticas, símbolos e valores alternativos que desafiam as normas estabelecidas, resignificando-os. As subculturas, ao se constituírem como "mundos paralelos", oferecem aos seus membros um espaço de expressão, identificação e pertencimento que reflete um desajuste ou uma resistência à cultura majoritária. Ao mesmo tempo, essas subculturas não estão completamente isoladas da cultura dominante, mas se alimentam dela para criar novos significados e novas formas de identificação.

“Os mundos da arte não têm fronteiras precisas que permitam afirmar que uma determinada pessoa pertence a um mundo específico e outra não. A questão aqui não se prende com traçar uma linha de demarcação entre um mundo da arte e o resto da sociedade, mas sobretudo com assinalar grupos de indivíduos que cooperam tendo em vista a produção de coisas que, pelo menos para eles, são aceites como arte.” (Becker, 2010, p.54)

A subcultura, assim, não se limita à mera oposição ou rejeição ao mainstream cultural, mas pode se constituir por uma série de negociações, apropriações, intersecções e transformações. Uma das

características centrais da subcultura é sua capacidade de estabelecer códigos próprios, sejam estéticos, comportamentais ou simbólicos, que não só “distanciam” seus membros das normas convencionais, mas também criam um senso de coesão interna e de identidade coletiva; deste modo, essas identidades subculturais são frequentemente construídas em torno de valores, expressões artísticas, práticas e símbolos que se opõem aos padrões aceitos pela sociedade maior. No entanto, ao mesmo tempo em que se configuram como formas de resistência, as subculturas não estão isentas de ser assimiladas ou transformadas pela cultura dominante, o que pode resultar em um processo de mercantilização ou de distorção do seu significado original - na atualidade, pode-se considerar que este é um problema agravado -. Majoritariamente, o fenômeno da subcultura é caracterizado por sua transitoriedade e por seu caráter mutante, à medida que ela se adapta, evolui ou se dissolve diante de novas forças sociais e culturais.

“[...]Esses elementos estéticos, sejam símbolos ou estilos musicais, sejam estilos de roupa ou comportamentos, podem ter seu sentido original reforçado ou alterado, dependendo por qual sistema cultural ou subcultural for reapropriado e ressignificado..” (Kipper, 2023, p.29)

A subcultura, ao se voltar como oposição a um sistema de valores hegemônicos, frequentemente reconfigura e ressignifica os elementos culturais que usa. Esse processo de reinvenção das práticas culturais é essencial para sua manutenção primeva, que por sua vez se torna o principal ponto de resistência à absorção pela cultura dominante. Assim, a subcultura não só reflete uma ruptura com a cultura dominante, mas também acaba propondo novas formas de viver, criar e expressar-se: criando espaços alternativos de significação e pertencimento - a análise dessa relação demanda entender a subcultura não como uma simples derivação da cultura dominante, mas sim como uma prática relativamente autônoma e criativa de construção simbólica e resistência cultural, que ao mesmo tempo faz parte do e desafia o todo cultural.

“Uma sociedade tem muitos grupos, cada qual com seu próprio conjunto de regras, e as pessoas pertencem a muitos grupos ao mesmo tempo. Uma pessoa pode infringir as regras de um grupo pelo próprio fato de ater-se às regras de outro. Nesse caso, ela é desviante? Os proponentes dessa definição talvez objetem que, embora possa surgir ambiguidade em relação às regras peculiares de um ou outro grupo na sociedade, há algumas regras que são geralmente aceitas por todos, caso em que a dificuldade não surge.” (Becker, 2008, p.21)

A análise das subculturas pode ser mais interessante quando vista à luz de teorias que falam sobre arte, desvio e a criação de mundos alternativos. Estudos sobre a arte, por exemplo, mostram que subculturas funcionam como espaços autônomos, onde normas, símbolos e práticas são desenvolvidos de maneira distinta da cultura dominante, mas sempre em relação a ela. Essas subculturas, ao criarem seus próprios valores estéticos e sociais, acabam formando uma realidade quase que paralela, que desafia e ao mesmo tempo reconfigura os sistemas culturais mais amplos. Ao adotarem formas de expressão diferentes, essas comunidades não só questionam, mas também meio que reconstróem a realidade onde vivem, criando assim um espaço de resistência simbólica e de afirmação de uma identidade coletiva que muitas vezes se coloca contra as convenções da sociedade. Essa tensão entre adesão e resistência, entre normatividade e desvio, acaba sendo um campo interessante de pesquisa sobre como as subculturas podem ser agentes de transformação social e cultural, ao mesmo tempo em que, ironicamente, são influenciadas e moldadas pelo próprio contexto dominante.

2.5 A PESQUISA

A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas com membros da subcultura gótica, abrangendo estudantes, acadêmicos, DJs, autônomos e editores. As entrevistas foram realizadas a partir de um [roteiro semi-estruturado](#)² previamente elaborado com base na revisão bibliográfica, orientando as questões que emergiram ao longo do estudo. Para a seleção dos personagens entrevistados, foram estabelecidos como critérios indivíduos que se identificam como góticos, com faixa etária entre 18 e 55 anos. O contato com os

² Link para o acesso: [Roteiro de Conversa - Pesquisa sobre a Subcultura Gótica](#)

participantes foi realizado por meio de interações em eventos góticos e através da internet, onde foram enviados convites para participação na pesquisa em ambos os contextos. No total, foram conduzidas 5 entrevistas, com duração média de 2 a 3 horas cada. A aplicação ocorreu de maneira flexível, assumindo a forma de uma conversa espontânea entre entrevistador e entrevistado, permitindo que as perguntas fossem inseridas conforme o desenvolvimento do diálogo. Posteriormente, as falas dos participantes foram transcritas e analisadas à luz do referencial teórico, buscando compreender as dinâmicas identitárias e as formas de pertencimento dentro da subcultura.

A inserção na subcultura gótica é um processo marcado por trajetórias que dialogam com estruturas sociais mais amplas: para alguns, desde a infância, influências culturais como filmes, músicas e livros podem despertar a afinidade e o apreço por esse universo estético, cultural e simbólico. No entanto, a construção de uma identidade gótica não se dá apenas pelo consumo passivo desses elementos, mas por um envolvimento contínuo que envolve estudo, engajamento e trocas com outros membros da comunidade, criando uma relação profunda de identificação com a subcultura, e não se dando só como um gosto pessoal ou o simples uso de uma estética. Esse percurso pessoal, que articula interesse e aprofundamento, demonstra como a participação na subcultura é resultado tanto de escolhas individuais quanto de condicionantes sociais, já que essa identidade envolve valores e uma visão de mundo que se expressam por meio de um sistema estético e simbólico, por meio de práticas sociais compartilhadas dentro da comunidade.

“Ser’ uma pessoa Gótica é se identificar a nível pessoal com a Subcultura gótica (seus valores e visão de mundo expressos em seu sistema estético/simbólico que espelha seu conjunto de práticas sociais).” (Jorge³, editor e redator, para a entrevista, 2025)

O acesso a elementos centrais da subcultura, como vestuário, eventos e determinados estilos musicais, não se dá de maneira igual para todos: fatores como condição financeira e localização geográfica influenciam diretamente a possibilidade de vivenciar a experiência gótica de maneira mais ou menos imersiva. Em grandes centros urbanos - mais especificamente em São Paulo -, onde há maior diversidade e disponibilidade de espaços alternativos e maior venda e facilidade de acesso a recursos estéticos, a adesão à subcultura tende a ser mais facilitada. Em cidades menores, porém, a visibilidade de grupos alternativos é reduzida e pode ser acompanhada por maiores dificuldades de aceitação social (por parte de quem não integra a subcultura), tal como certo sentimento de “afastamento” do todo social. Assim, a participação no universo gótico não é apenas uma questão de gosto pessoal, mas também de recursos e oportunidades disponíveis. De qualquer forma, estar presente apenas de maneira online não é um empecilho para integrar a subcultura, onde os espaços de identificação crescem mais a cada dia.

“Sim, nós vivemos em uma comunidade. Mas estar em comunidade pode significar tanto estar em grupos online, ou encontrar pessoas que compartilham da mesma visão de mundo presencialmente de vez em quando. Muitas pessoas são os únicos góticos em suas cidades, e sua formação e identificação subcultural hoje é tão consistente quanto a de pessoas que vivem em cidades com cenas góticas mais populosas.

Importante lembrar que mesmo em cidades com cenas populosas, muitas pessoas góticas só se relacionam online.” (Jorge, editor e redator, 2025)

Outro aspecto relevante é o impacto do conhecimento e da familiaridade com referências estrangeiras: como a subcultura gótica tem suas raízes em movimentos internacionais, grande parte de sua produção cultural está em língua inglesa. O domínio -mesmo que mínimo- ou, ao menos, a compreensão parcial desse idioma pode ampliar significativamente o acesso a conteúdos fundamentais, como músicas, livros e filmes, já que a base de onde o conteúdo gótico vinha primordialmente usufrui desta língua. Embora não seja um pré-requisito absoluto, essa habilidade pode facilitar a imersão no cenário gótico global e favorecer uma participação mais ativa e informada dentro da comunidade, além do sentimento de inclusão. Os dados coletados mostram que a subcultura gótica, ao longo do tempo, tem se mantido fiel a seus princípios de expressão individual e resistência. Muitos participantes destacam que o ambiente gótico, em

³ Os nomes colocados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos respondentes.

sua essência, é inclusivo, acolhendo diferentes identidades e formas de expressão: a ideia de que a subcultura deve ser um espaço de liberdade e aceitação é um aspecto central, especialmente num contexto onde se busca desafiar preconceitos e normas sociais. Para essas pessoas, o gótico não é só uma estética ou uma atitude, mas também uma postura política – uma forma de resistência ao que consideram opressor na sociedade dominante. Como Howard Becker argumenta em *Outsiders*, a desviação é uma construção social, e a subcultura gótica exemplifica isso ao criar seus próprios códigos de conduta e estética, que desafiam as normas dominantes. No entanto, Becker também nos lembra que mesmo dentro de grupos desviantes, há hierarquias e desigualdades que refletem as estruturas sociais mais amplas; Dessa forma, apesar de ser um espaço de expressão e identidade alternativa, a subcultura gótica não está imune às desigualdades e hierarquias presentes na sociedade: questões como raça, gênero e classe social influenciam a forma como os indivíduos são percebidos e reconhecidos dentro da cena. Becker destaca que a identidade de um grupo desviante é construída em oposição às normas dominantes, mas também é moldada por dinâmicas internas de poder e distinção. Assim, a subcultura gótica, embora se apresente como um espaço de resistência e inclusão, também reflete as tensões e contradições da sociedade em que está inserida, revelando como a desviação é um processo complexo e multifacetado.

Em contraponto a essa proposta inclusiva, os resultados também apontam para a presença de certas contradições dentro do próprio meio: existem aqueles que se identificam com o universo alternativo, mas que, paradoxalmente, reproduzem comportamentos discriminatórios e preconceituosos. Esses casos mostram que, embora a subcultura gótica defenda a diversidade e a liberdade de expressão, ela não está imune a problemas internos de intolerância, muitas vezes vindos de indivíduos que, em vez de reforçar a filosofia inclusiva da subcultura, acabam perpetuando preconceitos. Por exemplo: a predominância de uma imagem associada ao gótico branco reflete um viés que pode dificultar a visibilidade e a valorização de pessoas negras nesse contexto; o uso de termos como "afrogoth", que segmenta a identidade gótica em categorias racializadas, evidencia essa distinção. Da mesma forma, as mulheres, embora representem uma parcela significativa da subcultura, frequentemente enfrentam sexualização e estereótipos que condicionam a maneira como são vistas tanto dentro quanto fora do grupo, além do fato de que a subcultura é considerada hiperfeminina, criando um espaço excludente para pessoas de outros gêneros.

"Infelizmente estaremos sujeitos a esses preconceitos em todos os lugares e meio que estivermos. É fato que pessoas brancas recebem mais destaque em qualquer lugar que estiverem já por um preconceito enraizado em nossa sociedade humana, infelizmente, mas é fato.

E na subcultura gótica não é diferente. Quando comentamos de góticos com as pessoas ou até dentro da sub, a primeira imagem que vem na cabeça é justamente a imagem do trad goth e uma pessoa branca. Isso já responde muita coisa. Termos também como: "afrogoth", como se estivessem separando os góticos pretos e góticos brancos em caixinhas; 'o goth e o afrogoth'." (Suke, estudante de psicologia, 2025)

Em suma, apesar de sua proposta contracultural, a cena gótica ainda reproduz algumas hierarquias sociais. Além dessas dinâmicas internas, a relação entre a subcultura gótica e o "mundo exterior" também é atravessada por tensões, desafios e preconceitos, assim, a aceitação social da estética gótica varia conforme o ambiente e a posição social do indivíduo, por exemplo: em espaços acadêmicos, a aparência pode ser relevada, mas no mercado de trabalho ainda existe resistência em aceitar visuais que destoam das normas convencionais; em contextos mais conservadores, especialmente em cidades menores ou de forte influência religiosa, a presença de pessoas góticas pode ser recebida com estranhamento ou até mesmo preconceito, fazendo com que o cotidiano do indivíduo vire um espaço de resistência. Deste modo, a subcultura gótica se apresenta como um espaço de identificação e pertencimento, mas também reflete as estruturas sociais que a cercam. Embora comumente como um refúgio para aqueles que se sentem deslocados das normas predominantes - ou até mesmo excluídos perante a elas -, ela não está fora das desigualdades e disputas simbólicas que atravessam a sociedade em geral. A experiência gótica, portanto, é moldada tanto por fatores individuais quanto por condicionantes externos, demonstrando que a cultura alternativa, apesar de sua proposta de transgressão, ainda opera dentro dos limites impostos pelo mundo social.

A identificação com a subcultura gótica se manifesta como uma forma de expressão que vai além da estética, abrangendo valores artísticos, políticos e sociais que desafiam as normas impostas pela sociedade: para muitos, esse pertencimento não surge de maneira imediata, mas se constrói gradualmente a partir de

experiências culturais diversas, como literatura, cinema e música, que despertam o interesse e a apreciação por esse universo. Assim, a familiaridade com elementos visuais e narrativos ligados ao "dark/obscuro" muitas vezes precede o reconhecimento consciente da subcultura gótica, demonstrando como esse envolvimento se dá por meio de um processo contínuo de descoberta e aprofundamento. A adesão à subcultura gótica não ocorre de maneira instantânea, mas sim como um processo progressivo, no qual os indivíduos se aproximam de referências musicais, visuais e simbólicas associadas ao grupo; Dessa forma, esse percurso pode ser analisado à luz do conceito de *carreira do desviante* (Becker, 2008), que descreve como os indivíduos aprendem gradualmente as normas e valores de um grupo social. Assim, no contexto da subcultura gótica, essa socialização ocorre tanto em espaços físicos, como eventos e encontros alternativos, quanto no ambiente digital, onde trocas de experiências e repertórios contribuem para a construção do pertencimento ao grupo.

A trajetória de entrada na subcultura raramente segue um caminho linear. Muitos entrevistados relataram um envolvimento inicial com outras expressões do universo alternativo antes de se identificarem especificamente com o gótico, e se aprofundaram nesse "nicho" de maneira posterior, criando uma trajetória compartilhada de identificação e autoconhecimento, renovando a maneira de se expressarem. A transição para essa identidade foi impulsionada, em alguns casos, por fatores políticos, uma vez que a subcultura, desde suas origens, carrega posicionamentos que entram em choque com visões conservadoras, o que cria mais apreço pela subcultura por parte de certos setores. Em suma, esse aspecto reforça que o gótico, mais do que um estilo, pode representar um posicionamento crítico em relação às estruturas dominantes, funcionando como um espaço de resistência a determinados discursos políticos e culturais.

"Toda subcultura expressa uma visão de mundo através de seu sistema simbólico. Neste aspecto, todas são profundamente políticas. Algumas são progressistas, outras conservadoras ou até reacionárias. A Subcultura Gótica, por todo seu sistema simbólico e práticas sociais que o espelham, se alinha em um discurso progressista, como já comentei antes." (Jorge, editor e redator, 2025)

O sentimento de pertencimento a uma comunidade se coloca em evidência como um dos pilares da experiência de se identificar como gótico. Sendo mais do que um grupo isolado, os adeptos da subcultura frequentemente percebem sua ligação com outros segmentos do "universo alternativo", criando uma rede de identificação baseada em valores compartilhados - essa conexão não se restringe apenas à estética ou aos gostos musicais, mas se manifesta em uma sensação de irmandade e pertencimento, impulsionada pela oposição aos padrões normativos impostos e pela valorização de formas de expressão alternativas.

"Sinceramente, eu demorei muito tempo pra me encaixar diretamente no gótico, porque eu consumia um pouco de tudo, eu era apenas eu alternativo sem me encaixar numa pequena caixinha específica. E o que me fez me aproximar mais do gótico foi a questão política." (Suke, estudante de psicologia, 2025)

A estética gótica desempenha um papel essencial na identidade dos membros da subcultura, funcionando não apenas como uma forma de expressão pessoal, mas também como um meio de comunicação visual que reforça pertencimento e resistência às normas convencionais. A escolha do estilo, incluindo roupas, maquiagem e acessórios, é influenciada por um repertório estético amplo, que envolve referências da moda alternativa, de outros membros da subcultura e do consumo contínuo de conteúdos relacionados - além da história de vida e experiências do próprio indivíduo -. Para muitos, essa construção visual não se restringe a uma simples preferência estética, mas representa um ato de afirmação pessoal e coletiva, juntamente com a forma de expressão e identificação. Embora a moda gótica ofereça liberdade de experimentação, a subcultura em si possui valores e conhecimentos compartilhados que estruturam sua identidade coletiva - o pertencimento ao grupo não se define apenas pelo estilo visual, mas pela afinidade com certos princípios, como o interesse por arte, música e literatura, bem como pelo posicionamento político e engajamento intelectual e social (dentro do meio). Assim, apesar de não haver regras estritas, há uma expectativa de que aqueles que se identificam com o gótico compreendam e valorizem os elementos que compõem essa tradição cultural.

A música é a alma da subcultura gótica, muito mais do que um simples pano de fundo para eventos e encontros. Ela conecta os indivíduos à estética, aos valores e à identidade coletiva do grupo, criando uma

experiência que vai além do consumo artístico – é um elo emocional e sensorial, incrementando o sentimento de pertencimento. Para muitos, como um dos entrevistados e sua esposa, que são DJs em baladas góticas, a música é parte essencial da vivência gótica, moldando não apenas o gosto pessoal, mas também a dinâmica social dentro da cena. Diferente de festas convencionais, onde o estilo musical pode ser apenas um detalhe e a socialização gira em torno da paquera, os eventos góticos têm um significado mais profundo, já que existem poucos espaços voltados especificamente para essa cultura, estar ali não é apenas uma escolha, mas muitas vezes uma necessidade para quem quer ouvir e dançar ao som de músicas que dificilmente encontrará em outros lugares. Isso cria um ambiente único, onde a presença não está necessariamente ligada à busca por relacionamentos amorosos (como nas baladas convencionais) – é comum que pessoas saiam sozinhas simplesmente pelo prazer da música e da conexão com a subcultura.

“A música sempre foi importante, especialmente para mim e minha esposa que também somos DJs. Há uma diferença entre uma "balada" ou evento Gótico e os alternativos: as pessoas góticas têm poucas opções de lugares e vão porque lá vão ter músicas que só podem ouvir e dançar, e só lá vão encontrar outras pessoas góticas. É diferente de uma balada genérica em que as vezes as pessoas nem se importam com o estilo que está tocando e o foco é principalmente a azaração .

Tanto que é comum em ambientes da Subcultura Gótica os casais continuarem saindo, e pessoas saírem sozinhas sem interesse em relacionamentos amorosos.” (Bartolomeu, DJ, 2025)

A música certamente é vista como um elemento central dessa subcultura, mas não se limita a uma mera expressão sonora: ela se entrelaça com outras formas de arte, como a literatura e o cinema, que frequentemente compartilham a mesma atmosfera sombria e introspectiva. Obras literárias e cinematográficas góticas, com seus temas de morte, sofrimento e o estranho, dialogam diretamente com a estética visual da moda e do design, criando uma rede interconectada de símbolos e significados que reforçam a identidade coletiva dos membros da subcultura.

Em contraponto, a geografia influencia, diretamente, o acesso a essa vivência: para aqueles que moram longe dos grandes centros urbanos, participar de eventos presenciais se torna mais difícil e não viável, o que acaba gerando uma sensação de isolamento em relação à comunidade. O ambiente virtual, claro, possibilita a conexão e a troca de informações, mas não substitui completamente a experiência social dos encontros físicos. A socialização online, então, funciona como um meio de inserção, mas não supre totalmente a necessidade de convivência e interação presencial dentro da subcultura, como um dos entrevistados relata.

A percepção social da subcultura gótica ainda é moldada por estereótipos que circulam no meio digital e por representações superficiais, que muitas vezes a reduzem ao movimento emo⁴ ou a associam a questões religiosas. Essa visão limitada ignora a complexidade estética e ideológica que define o gótico, que, historicamente, se desenvolveu como uma forma de resistência cultural - essa resistência se dá, sobretudo, contra a normatividade imposta pela cultura de massa e pelos padrões convencionais de comportamento, estética e sociabilidade. A subcultura gótica desafia ideais hegemônicos ao valorizar a introspecção, a melancolia e a expressão artística alternativa, indo na contramão da superficialidade e da homogeneização promovidas pela cultura dominante. Dessa forma, o preconceito contra os membros da comunidade gótica continua sendo perpetuado, principalmente por setores mais conservadores da sociedade, pela mídia sensacionalista e por grupos que reforçam padrões normativos de comportamento e estética. Esse estigma frequentemente associa os góticos a ideias equivocadas, como morbidez excessiva, isolamento social ou até práticas religiosas específicas, desconsiderando a complexidade cultural e identitária da subcultura. Para muitos de seus participantes, a subcultura gótica é, antes de tudo, uma maneira de contestar os padrões impostos pela sociedade, especialmente no que diz respeito ao consumismo e à normatividade estética. O

⁴ Embora frequentemente confundidos, os movimentos gótico e emo possuem origens e características distintas: O gótico surgiu no final dos anos 1970 a partir do pós-punk, inspirado na literatura gótica do século XVIII e XIX, que, por sua vez, ressignificou o termo associado à arte e à arquitetura medieval. Sua estética inclui roupas predominantemente pretas, maquiagem pálida, olhos e lábios destacados, elementos de inspiração vitoriana e simbolismo ligado ao ocultismo e à melancolia. Já o emo, derivado do hardcore punk nos anos 1980, enfatiza uma abordagem confessional e emocional, com um estilo visual que mescla franjas assimétricas, olhos delineados, camisetas de bandas, calças justas e tênis skatistas. Apesar de compartilharem elementos como a paleta escura e o tom introspectivo, são movimentos independentes com influências e propósitos distintos.

anticonsumismo, que muitas vezes se alinha a uma postura anticapitalista, aparece na valorização de uma identidade visual e artística que vai na contramão das tendências comerciais massificadas; Além disso, a adoção de uma estética melancólica e incomum desafia convenções sociais sobre aparência e comportamento, reafirmando o gótico como um espaço de dissidência. Essa postura transgressora também se manifesta na dimensão política da subcultura, onde a oposição a estruturas conservadoras e hegemônicas se expressa tanto nas manifestações artísticas quanto na atuação social de seus membros. Essa resistência pode ser observada na valorização de artistas e intelectuais historicamente marginalizados, no questionamento de normas religiosas e morais dominantes, e no engajamento em pautas progressistas, como os direitos LGBTQIA+, o feminismo e a luta contra o racismo. Além disso, eventos e espaços da cena gótica costumam promover uma inclusão mais ampla de identidades dissidentes, funcionando como refúgio para aqueles que não se encaixam nos padrões sociais convencionais. Becker aponta que a desviação não é uma qualidade inerente ao comportamento, mas uma consequência da aplicação de regras e rótulos. A subcultura gótica, ao ser rotulada como “esquisita”, revela como a sociedade dominante define e controla o que é considerado “normal” ou “desviante”.

A pesquisa aponta para um espaço de expressão artística multifacetada, onde diversos elementos culturais se entrelaçam para formar uma identidade única e, muitas vezes, contrária às normas dominantes. Assim, para os participantes, a estética gótica é, antes de tudo, uma forma de arte, que engloba música, moda, literatura, pintura e até arquitetura; assim, cada uma dessas expressões carrega um forte componente simbólico, marcado pela melancolia, pelo mistério e por uma provocação estética que convida o espectador a refletir sobre temas profundos e existenciais.

A relação entre a cultura gótica e a cultura dominante também é um ponto central de reflexão. A pesquisa revela que, apesar das trocas de influências – principalmente na música, na literatura e até na política –, o estilo gótico mantém uma identidade própria. No entanto, a cultura dominante, especialmente por meio das redes sociais, como o TikTok, tem se apropriado de elementos góticos, comercializando-os de forma simplificada e muitas vezes descontextualizada. Isso leva a uma certa “diluição” da subcultura, que perde parte de seu caráter transgressor ao se tornar um produto acessível a um público mais amplo. Em contraponto, certos pontos de vista afirmam que essa nova onda pós-moderna da “divulgação” da subcultura é boa, onde novos membros entram através do processo de autoidentificação.

“As redes são a nova mídia de massa. Nesses 35 anos acompanhando a subcultura gótica no Brasil, vi várias vezes a mídia de massa “descobrir o Gótico” (que continuava a existir), tanto antes quanto depois de surgir a Internet. Essas ondas vêm e vão e são positivas pois através delas muitas pessoas vão depois descobrir que realmente tem uma identificação duradoura com os valores perenes da Subcultura Gótica. Se não fosse pelas modas midiáticas essas pessoas não teriam como ter buscado conhecer a subcultura gótica. Claro, outros tantos não vão se identificar a longo prazo, depois do hype. Mas isso é um processo natural que sempre existiu. Afinal, nos anos 80 o Gótico foi sucesso midiático também.” (Jorge, editor e redator, 2025)

Mas essa comercialização não acontece apenas com a subcultura gótica; diversos movimentos culturais passam por processos de apropriação e ressignificação ao serem inseridos na lógica do mercado. Esse processo, que pode ser analisado a partir das noções de campo e capital cultural de Bourdieu, mostra como diferentes agentes negociam significados e redefinem fronteiras internas, transformando a circulação de elementos estéticos e simbólicos em um ponto de tensão dentro do grupo. No caso do gótico, a ironia está no fato de que elementos como roupas de brechó e acessórios “góticos” se tornam populares e acessíveis, mas muitas vezes desprovidos da carga simbólica e da profundidade cultural que definem essa identidade. Apesar disso, os participantes da pesquisa sugerem que é possível viver a subcultura gótica sem se afastar completamente da cultura dominante, isso porque o gótico não nasce de um contexto nacional específico, mas de uma combinação de influências globais e locais, permitindo que seus membros transitem entre esses espaços.

No entanto, essa convivência com o mainstream não impede que os valores góticos coexistam com as lutas sociais e políticas da cultura dominante. Assim, ao mesmo tempo em que resiste à comercialização e à diluição de sua identidade, a subcultura gótica também se insere em um jogo maior de adaptação e resistência, sem perder sua capacidade de questionar e redefinir o status quo – seja no campo estético, seja no político. Isso pode ser observado na independência artística de bandas como *The Sisters of Mercy* e

Bauhaus, na utilização da internet para fortalecer laços comunitários sem ceder ao mainstream, e em festivais como o *Wave-Gotik-Treffen*, que mantêm viva a cultura gótica enquanto promovem reflexões sobre arte e sociedade, como afirmam Hodkinson (2002) e Brill (2008).

Quando questionados sobre o que significa "ser gótico" hoje, muitos entrevistados destacam que a essência da subcultura continua a mesma: uma forma de expressão pessoal. "Ser gótico" é, para muitos, um jeito de se afirmar como indivíduo, de contestar as normas impostas pela sociedade e de buscar conhecimento, seja nas artes, na cultura ou na política. A subcultura gótica, portanto, segue sendo um espaço de resistência e constante reinvenção, onde a construção identitária e a diferenciação simbólica, conforme analisado por Bourdieu, desempenham um papel central. Ao se apropriar de elementos estéticos e culturais específicos, os membros da subcultura reafirmam seu pertencimento ao grupo e, ao mesmo tempo, negociam seu lugar dentro da sociedade dominante, configurando a subcultura como um campo de distinção e resignificação social. Entretanto, as transformações sociais e culturais trazem novos desafios: a comercialização da estética gótica, especialmente nas redes sociais, pode levar a uma certa superficialização de aspectos historicamente valorizados dentro da cena, como a introspecção, a experimentação artística e a crítica às normas estéticas dominantes. Embora a subcultura não tenha surgido com um manifesto formal ou um conjunto de diretrizes fixas, pesquisadores como Kipper (2023) e França (2017) apontam que sua construção identitária foi marcada por uma estética contracultural e por um distanciamento dos valores mainstream⁵. Nesse sentido, a popularização midiática do gótico pode ser analisada como um processo de ressignificação, no qual elementos visuais são apropriados de forma dissociada das práticas e significados originalmente atribuídos por seus integrantes. Mesmo assim, os participantes mantêm a convicção de que o gótico seguirá evoluindo como uma forma de expressão em constante transformação, adaptando-se às mudanças externas enquanto redefine suas fronteiras e significados. A subcultura, longe de ser uma entidade fixa ou imune às dinâmicas sociais mais amplas, também é um reflexo da modernidade e da globalização, incorporando influências externas e se ressignificando a partir de novas interações culturais. Nesse sentido, seu futuro parece estar menos na preservação de uma identidade estática e mais na negociação contínua entre tradição e inovação dentro do cenário alternativo.

"Ser gótico é o que sempre foi, né? Essa identificação pessoal com esse sistema simbólico e essa visão de mundo" (Jorge, editor e redator, 2025)

A subcultura gótica é muito mais do que um simples estilo ou um gosto musical específico: para quem faz parte dela, ser gótico não é só uma questão de aparência, mas uma forma de enxergar o mundo, de se conectar com a arte e de encontrar um espaço de pertencimento em meio a uma sociedade que, muitas vezes (majoritariamente), estranha ou rejeita aquilo que foge ao convencional, ao padrão. O que torna essa subcultura tão forte e duradoura não é apenas sua estética marcante, mas os laços que se criam entre as pessoas, a maneira como compartilham referências, valores, convivências sociais, sentimentos e experiências. É nesse ponto que os sociólogos Howard Becker e Nathalie Heinich nos ajudam a entender melhor o que está por trás dessa identidade coletiva, juntamente com a análise baseada em Pierre Bourdieu. Howard Becker, por exemplo, nos mostra que a arte nunca é criada de forma isolada: em *Mundos da Arte* (2010), ele explica que qualquer manifestação artística depende de um conjunto de pessoas que trabalham juntas para dar forma a essa expressão; assim, no caso do gótico, esse fator se coloca em evidência na música, na moda e até nos eventos que reúnem a comunidade, em suma, na expressão e no conviver. Musicistas, estilistas, designers, artistas e, claro, os próprios membros – todos fazem parte dessa rede que mantém viva a estética e a cultura gótica. Essa troca constante é o que permite que a subcultura continue se reinventando sem perder sua essência, no máximo transformando e reinventando-a. Mas se Becker nos ajuda a entender o gótico como um sistema coletivo de criação, ele também nos dá ferramentas para pensar em outro aspecto fundamental: a forma como os góticos são vistos pela sociedade, assim, em *Outsiders* (2008), ele fala sobre como certos grupos são rotulados como desviantes simplesmente por não se encaixarem nas normas dominantes, sempre são notórios os comentários preconceituosos sobre os góticos: muitas vezes, são vistos como depressivos, sombrios ou até perigosos, apenas por adotarem uma estética diferente e se interessarem por temas que fogem do comum. Mas, dentro da subcultura, essa marginalidade

⁵ Valores *mainstream* referem-se às normas, práticas e estéticas amplamente aceitas e difundidas na cultura dominante, como o consumismo, a padronização estética e comportamental, e a priorização de tendências massificadas.

ganha um novo significado: ser um outsider, nesse contexto, não é um problema, mas pelo contrário, é quase um motivo de orgulho. Muitos encontram nesse espaço um refúgio, um abrigo, um lugar sem medo do julgamento externo. É possível entender esse fato ao aprofundar essa discussão, mostrando que ser gótico não é apenas uma escolha estética, mas algo que se manifesta na forma de agir, pensar e sentir. Pierre Bourdieu e seu conceito de *habitus* nos ajudam a entender que a identidade gótica vai além da roupa preta ou das bandas preferidas – ela se reflete em gestos, em valores e até na maneira como os membros do grupo enxergam o mundo. Deste modo, isso explica, por exemplo, porque muitos góticos compartilham um interesse artístico particular, uma atração pela melancolia e uma visão crítica da sociedade. Tudo isso faz parte de um aprendizado que acontece dentro da própria subcultura, onde certos comportamentos e referências são valorizados e passados adiante. Os relatos indicam que a participação na subcultura gótica pode ser influenciada pelo capital econômico, mas é fundamentalmente determinada pelo capital cultural. Deste modo, o conhecimento sobre bandas, estética e história da subcultura confere status dentro da cena, funcionando como um elemento de distinção; no entanto, com a internet, esse acesso se tornou mais democrático, permitindo que indivíduos de diferentes classes sociais se aproximem da cultura gótica sem depender exclusivamente de recursos financeiros. Embora pessoas com maior poder aquisitivo tenham mais facilidade para frequentar eventos e adquirir vestimentas associadas à estética gótica, os participantes enfatizam que a criatividade e o conhecimento são mais valorizados dentro da cena. Esse dado reforça a ideia de que, em certos contextos, o capital cultural pode se sobrepor ao capital econômico na estruturação dos grupos sociais, tornando a subcultura gótica um espaço onde a legitimação se dá prioritariamente pelo domínio simbólico e não apenas pelo consumo material. Além disso, Bourdieu nos oferece outro conceito importante: o campo cultural. Com ele, dentro do próprio movimento gótico, é possível analisar as disputas sobre o que é ou não legítimo, sobre quem realmente entende a essência do estilo e quem apenas se apropria dele de forma superficial. Muitas vezes, aqueles que demonstram um conhecimento mais profundo sobre a história da subcultura, suas raízes musicais e seus significados simbólicos ganham mais respeito dentro do grupo. Esse processo pode ser compreendido a partir da noção de capital cultural, pois os membros da subcultura não apenas consomem determinados elementos estéticos, mas também constroem status dentro da cena por meio do domínio de referências musicais, artísticas e históricas associadas ao gótico. Dessa forma, o pertencimento ao grupo não se define apenas pela aparência ou pelo uso de símbolos visuais, mas pela incorporação de um repertório cultural; é preciso compreender a cultura e o que ela representa. Com isso, é possível adicionar o pensamento de Nathalie Heinich na análise, trazendo uma perspectiva sobre como a estética e a identidade se misturam: para ela, a maneira como enxergamos a arte e o estilo não é apenas uma questão de gosto pessoal, mas algo construído socialmente. No caso da subcultura gótica, isso significa que sua estética não é apenas um detalhe visual, mas um sistema de significados compartilhados; o preto, a maquiagem carregada, as referências à morte e ao romantismo sombrio: tudo isso carrega um peso simbólico que só faz sentido dentro do grupo. Isso explica porque os góticos costumam rejeitar apropriações superficiais da sua cultura, especialmente quando grandes marcas tentam transformar seu estilo em um mero produto de mercado. Em suma, o que a subcultura gótica nos ensina é que identidade não é algo que escolhemos de um dia para o outro – é algo que se constroi coletivamente, por meio de trocas, vivências e significados compartilhados. Mais do que um simples gênero musical ou uma forma de se vestir, o gótico é um modo de existir no mundo, uma forma de dar sentido à arte e à própria vida. E é justamente isso que faz com que essa subcultura continue viva, atravessando gerações e desafiando as normas estabelecidas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre a subcultura gótica buscou compreender as dinâmicas que caracterizam esse universo, pretendendo apresentar contrapontos em opiniões dos participantes (de acordo com idade, raça e classe social), e visando revelar como a estética, a música, a moda e os valores simbólicos estão interligados na construção de uma identidade coletiva, independentemente de como os membros conheceram a subcultura. A análise das práticas culturais dos membros da subcultura gótica buscou demonstrar que, embora seja um espaço de resistência às convenções sociais, a subcultura não está isenta das desigualdades sociais e das tensões internas, como as relacionadas à raça, gênero e classe social. O estudo também sugeriu a hipótese de que a participação na subcultura é resultado de um processo contínuo de descoberta e imersão, marcado por fatores individuais e condicionantes sociais, como acesso a recursos

e à cultura global, além da geografia.

Este trabalho buscou analisar a estética gótica como um meio de afirmação e resistência, observando como seus membros constroem identidade e pertencimento dentro da subcultura; Assim, foram discutidos elementos que estruturam a relação dos participantes com o grupo e com a sociedade mais ampla, considerando tanto as tensões internas quanto as interações com a cultura dominante - também foram analisadas questões relacionadas à circulação de símbolos da subcultura e às disputas em torno de seus significados. A literatura consultada, como os estudos de Kipper (2023) e França (2017), aponta que a subcultura gótica se configura como um campo dinâmico, no qual valores e referências são constantemente negociados e ressignificados pelos próprios membros da cena. Dessa forma, as reflexões levantadas ao longo do trabalho indicam possibilidades para futuras investigações sobre como diferentes contextos sociais influenciam as formas de pertencimento e diferenciação dentro da subcultura.

Em relação aos trabalhos futuros, seria interessante explorar de forma mais detalhada as interações entre a subcultura gótica e outros movimentos culturais alternativos, além de investigar como as transformações nas plataformas digitais e a crescente visibilidade das subculturas online influenciam as práticas e o pertencimento dentro da cena gótica.

REFERÊNCIAS

- AVILA, Astrid Baecker. ***As relações entre cultura e subcultura: circunscrevendo a cultura corporal***. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- BECKER, Howard S. ***Mundos da Arte***. São Paulo: Edusp, 2010.
- BECKER, Howard S. ***Outsiders: estudos de sociologia do desvio***. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. ***A Economia das Trocas Simbólicas***. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRILL, Dunja. ***Goth Culture: Gender, Sexuality and Style***. Oxford: Berg, 2008.
- FRANÇA, Júlio. ***O sequestro do Gótico no Brasil***. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.
- GARCÍA NAHARRO, Fernando. ***Cultura, subcultura, contracultura: "Movida" y cambio social (1975-1985)***. Universidad Complutense de Madrid, 2012.
- GOTHIC STATION. ***O que é gótico?*** Disponível em: <https://www.gothicstation.com.br/o-que-e-gotico>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- HEINICH, Nathalie. ***A Sociologia da Arte***. São Paulo: Ed. Cengage Learning, 2013.
- HODKINSON, Paul. ***Goth: Identity, Style and Subculture***. Oxford: Berg, 2002.
- KIPPER, Henrique Antonio. ***A Happy House in a Black Planet: Introdução à Subcultura Gótica***. São Paulo: Ed. do Autor, 2023.